

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Jurandir de Jesus Dias

RETÓRICA E POLÍTICA NO GÓRGIAS DE PLATÃO

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Pedro Calixto Ferreira Filho.

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Jurandir de Jesus Dias, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201372106A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Análise do Górgias de Platão”, desenvolvido durante o período de 08 de março a 03 de julho sob a orientação de Pedro Calixto Ferreira Filho, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Jurandir de Jesus Dias

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

RETÓRICA E POLÍTICA NO GÓRGIAS DE PLATÃO

Jurandir de Jesus Dias¹

RESUMO

O objetivo do referido trabalho é construir uma análise do conceito de retórica e política na obra intitulada “O Górgias” de Platão. A problemática central desta obra é a retórica enquanto problema político, dado o fato de que ela tem como objetivo principal o convencimento e não a verdade. Todo o enredo de “O Górgias” é editado por essa problemática. A abordagem da retórica, tem como finalidade a definição de dois grandes conceitos como veremos: a justiça e a felicidade. Ambas intimamente associadas à política. Tentaremos demonstrar através deste trabalho, o quanto o “idealismo” de Platão está profundamente enraizado numa busca de soluções para problemas pragmáticos. A obra do filósofo antigo se revelará de uma atualidade incontestável. Sendo assim, faz-se refletir sobre o poder e a fraqueza humana e de como a retórica pode ser usada como fonte de controle social, pois é um poder que pode se tornar tirano.

PALAVRAS-CHAVE: Górgias, Platão, justiça, política.

INTRODUÇÃO

O diálogo constitui um elemento fundamental no método platônico de busca da verdade. Dentre os temas abordados a política compõe elemento de suprema importância. Com efeito, a política e a transformação da sociedade são vistas por Platão como a própria finalidade do pensar. A retórica nesse sentido torna-se um problema para as finalidades às quais Platão destina a filosofia. Com efeito, ela tem como principal objetivo, não a busca do bem e da verdade, mas simplesmente o convencimento do adversário, como poderá se observar ao decorrer do trabalho.

Nesse diálogo são feitas várias indagações, que nos fazem refletir e nos interessarmos pelo o tema. Temos como exemplo a discussão sobre tirania, poder, persuasão, Arte, conceito de justiça e um conceito fundamental na obra de Platão, a oratória. Este trabalho vai ser consagrado especialmente na relação entre dialética e oratória.

A retórica para Platão é utilizada de maneira incorreta, pois segundo ele, seria possível alguém ensinar algo que não saiba? Seria possível alguém passar uma sabedoria que não tem? Isso para Platão é algo muito perigoso, pois o mal-uso da retórica pode trazer consequências, pois a retórica tem como efeito a persuasão e a crença, a fim de demonstrar e convencer pela persuasão o outro. A retórica não pode ser considerada uma arte: é uma atividade empírica que produz adulação. Não seria a retórica uma arte?

Assim sendo, é feita uma comparação de retórica com a justiça, pois para os pensadores envolvidos no debate, a retórica está para justiça assim como a culinária está para medicina. Com essa indagação se dá uma das principais discussões do trabalho, que é discutir sobre a ética e a política.

Porém a tese central enunciada por Sócrates é que os oradores de um modo geral são homens poderosos, esse poder seria fazer o que se deseja. Esse foi o posicionamento de Pólos. Mas, Para Sócrates os oradores são os menos poderosos dos homens na cidade, porque não usam a razão, nem sabem o que é o bem, julgando, todavia, conhecê-lo e agindo em função do mesmo. O poder sem o uso da razão é um mal porque a todos prejudica. Os oradores não visam melhorar os homens, mas adulá-los. Por isso a retórica é inútil.

O diálogo passa para a discussão do que seria a verdade, a justiça e o bem. A Lei da Natureza determina que os mais fortes devam exercer o seu domínio sobre os mais fracos, à semelhança do que ocorre no reino animal.

A Lei das cidades tem como objetivo impedir este poder.

Todo esse diálogo sobre o que seria certo ou justo é de grande importância para esse trabalho, podendo ser facilmente aplicado em discussões atuais, levando em discussão todos esses pontos, tendo como objetivo a análise da obra de Platão e dando relevância aos pontos da moral, ética e justiça.

¹Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail jurandirdias@live.com Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dr. Pedro Calixto Ferreira Filho.

1. DEFINIÇÃO DA RETÓRICA

De imediato a retórica pode ser definida como a arte de persuadir, portanto, numa técnica de discurso tendo como visão a plausibilidade. Segundo Platão, Tísias e Córax (inventores da retórica) fundam os fundamentos da retórica mais na probabilidade do que na verdade. Trata-se de um contentamento do plausível, visando um efeito no interlocutor.

Na obra “ O Górgias” a definição de retórica foi dividida e discutida pelos interlocutores de Sócrates, a saber que os personagens da obra, Pólos, Górgias, Cálicles e Sócrates. Assim sendo nós podemos afirmar de imediato que Platão está discutindo sobre a retórica sofista².

Com efeito, a genealogia do conceito de sofista provém da etimologia SOPHOS que significa sábio. O sofista nesse caso são aqueles homens que eram considerados na época como os mais sábios. De fato, em sua obra intitulada “O Sofista”, Platão propõe várias definições mesmo nenhuma delas positiva: a) Um caçador interessado de jovens ricos; b) Um comerciante do saber tanto no atacado quanto no varejo; c) Um atleta especializado nos combates cuja arma é a palavra; d) Um esperto em controversas que não só conduzem a resultados negativos; e) Uma imitação barata do filósofo, que multiplica as contradições se fundando sobre a aparência e não sobre a realidade; f) Um produtor de simulacros.

Górgias foi um dos grandes sofistas que ensinou em Atenas em 427 a.c, a obra o “O Górgias” data de 380 a.c Atenas se encontra em plena crise política, a retórica penetrou todas as esferas dos poderes, dentre as quais duas se sobrepõem primeiramente: ela reina nos tribunais, em seguida nas assembleias. Nesse contexto a eloquência abre espaço para a demagogia. Atenas que em 476 a.c era a primeira potência naval sobre o regime de Péricles cria a Liga de Delos, onde várias cidades são submetidas à tutela de Atenas: Péricles impõe o regime democrático as cidades vizinhas. No entanto, esse período glorioso de Atenas vai pouco a pouco se perdendo (ROMILLY. J, p. 146). Primeiramente no que concerne a potência militar. Por duas vezes a democracia em 425 a.c tornou-se uma tirania: o regime dos Quatrocentos³, e em seguida o regime dos Trinta⁴. Ao mesmo tempo Esparta que possuía um regime aristocrático e não democrático se impõe através de um regime marcial, Atenas retoma a democracia em 403 a.c graças ao esforço Alcibiades. Com esse retorno da democracia, cria-se em Atenas um contexto civil de vingança. O processo e a morte de Sócrates em 399 a.c constitui um exemplo típico que marcou profundamente seu discípulo, Platão. Sócrates foi vítima dos sofistas, que graças a oratória criou uma crise política e militar que tem como plano de fundo uma crise dos valores éticos, como veremos mais tarde. A retórica nesse contexto (os exemplos de Pólos e Cálicles que analisaremos no decorrer do nosso estudo). E isso por duas razões: primeiramente ela permite manter o poder; em segundo lugar proporciona elementos para a aquisição do poder. Constitui um elemento corruptor.

2. DEFINIÇÃO DE RETÓRICA SEGUNDO PÓLOS

Um dos momentos importantíssimos da obra “Górgias de Platão” consiste na definição de retórica dada por um dos grandes sofistas da época, a saber, Pólos. Para Pólos a definição de retórica é simplesmente a mais bela de todas as artes e até certo ponto não vista como válida por outros pensadores, pois o que se buscava nessa discussão não seria a qualidade da retórica, mas sim sua essência.

“Polos — Querefonte, no mundo há muitas artes experimentais que a experiência descobriu. A experiência faz que nossa vida seja dirigida de acordo com a arte, e a inexperiência a entrega ao

² “Os sofistas foram um tipo específico de professor na Grécia antiga e no império romano, cujo seus ensinamentos eram a excelência e a virtude, aplicadas as áreas como música, política, matemática e atletismo, Górgias era um sofista. O termo sofista tem sua origem do grego, da palavra “sophistes” derivada de “Sophia” e “Sophos”, significando sabedoria e sábio. ” (MACIEL. Willyans. Sophistas. Infoescola).

³ “Uma parcela da oligárquica que rebelou-se contra as leis democráticas instituídas por Pericles. Era conhecida como *boulé*, criada por Sólon, composta por quatrocentos membros escolhidos anualmente. Um tipo de assembleia de cidadãos encarregados a deliberar assuntos sobre a cidade”. (História geral. Acidade de Atenas. Disponível em: <http://www.historiamais.com/atenas.htm>> acesso: 13 de junho de 2017).

⁴ Foi um governo oligárquico de Atenas, composto por trinta magistrados chamados de tiranos que sucedeu a democracia ateniense ao final da Guerra Peloponeso. (Tirania dos trinta. Disponível em: <https://dicionario.sensagent.com/tirania%20dos%20trinta/pt-pt/>> acesso :20 de junho de 2017).

acaso. Uns são proficientes numas; outros, noutras; cada um a seu modo; os melhores o são nas melhores. Górgias é um destes e participa da mais nobre das artes. ” (“O Górgias”⁵, p. 3).

Essa definição de retórica tende a se opor a definição socrática da retórica como arte da bajulação a qual elogia o tirano com a ideia de que sofrer a injustiça vale menos do que cometê-la (“O Górgias” p. 29). Contrariamente a opinião comum de Górgias e de Pólos, segundo Sócrates, a retórica não é uma arte, mas um saber bajular, independente de toda a imoralidade, nesse sentido ela é mais uma aparência, ou simulação de arte. Essa definição de Sócrates tende a similar a retórica e a sofística, ambas às aparências de saber que dissimulam a justiça e a moral. Pólos reage a essa definição socrática.

O poder da retórica, segundo ele, é comparável ao poder do tirano. Por trás dessa visão de Pólos, tem-se a ideia de que a justiça humana constitui em uma pura convenção e que não existe algo pior do que subir a injustiça. A retórica nesse sentido é lugar de uma dominação e o bem aqui é definido como a tomada do poder pela dominação. A razão aqui não constitui um poder de valorização. Ela é pensada aqui de maneira instrumental.

De fato, uma das características da sofística é o convencionalismo e o naturalismo. Vejamos o que significa cada um deles:

“Segundo a natureza, o que é mais feio ou pior, está relacionado com o sofrer à desvantagem e a injustiça; segundo a lei, seria cometê-las. A natureza, ela própria, nos mostra que em boa justiça aquele que vale mais deve dominar aquele que vale menos, que aquele que tem mais capacidade dominar aquele que é incapável. ” (“O Górgias”, p. 34)

Nós não temos acesso direto aos defensores do naturalismo moral a não ser pela narração feita pelo próprio Platão em seus diálogos. A maioria dos personagens citados nos diálogos platônicos existiu realmente. Exemplo: Trasímaco (*República*); Pólos (*Górgias*), Menon (*Menon*). Outros parecem fictícios: mas fazem com certeza referência a personagens da época, é o caso de Cálicles em “O Górgias”.

Caráter dramático deste projeto ético e moral social: Glauco no livro II da *República* pinta o retrato de dois homens: a) um perfeitamente injusto, mas que “constrói uma grande reputação de justiça” (II, 361 a); b) o outro, perfeitamente honesto, mas que, infelizmente, não é visto como justo; c) “ Os homens reservam ao homem que parece justo e que não é, um destino bem mais feliz que ao homem justo se ele parece injusto. ” (II, 362, c); c) “Que razão teria um jovem de se prender à justiça e deixar a extrema injustiça, pois basta esconder a injustiça para atingir a felicidade. ” (II, 366 b); d) assim sendo a retórica parece mais eficiente que a Ética para nos conduzir à felicidade; e) O sofista Glauco conta a lenda do anel de Gigés ilustra perfeitamente esta dependência entre moral social e aparência; f) Cálicles no *Górgias* vai mais longe na crítica: A Ética “deixa o homem desprotegido, sem condições de escapar de grandes perigos; sem condições de se defender a si mesmo e a outrem. A Ética deixa o homem à mercê dos outros, pronto para ser espoliado dos bens e das honras. ”

3. DIÁLOGO DE SOCRATES COM CÁLICLES

Um dos exemplos mais claros do naturalismo da retórica sofista se encontra no diálogo que Sócrates mantém com Cálicles, como dito anteriormente. Cálicles é adepto do naturalismo que nós definimos anteriormente como considerando a justiça a partir da noção de natureza.

Com efeito, as características no naturalismo são: a) as normas sociais prescritas na sociedade não devem assegurar o bem-estar de toda a comunidade social; b) as normas morais devem servir o interesse dos mais fortes e suas paixões. Façamos uma análise de um texto típico desse naturalismo. Extraído do diálogo de Sócrates com Górgias:

Sócrates: O que é uma vida feliz tem a ver com a vida justa? Nada de complicado; eu a compreendo como o vulgar, ser temperante e mestre de si mesmo e comandar em si os prazeres e as paixões;
Cálicles: Muito engraçado você! São os imbecis que você está chamando de temperantes.
Sócrates: O que?! Quem não vê que não é deles que eu estou falando?
Cálicles: é deles sim sem nenhuma dúvida, Sócrates.

⁵ PLATÃO. Górgias. Disponível em:

https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://bocc.ubi.pt/~fidalgo/retorica/platao-gorgias.pdf&ved=0ahUKEwiG5ZDt_vHUAhXBE5AKHSs-Db8QFggcMAA&usq=AFQjCNEo-RijyLwRZ5uAEalsk1neFLRAMA > acesso: 20 de maio de 2017.

Como um homem que poderia ser feliz, se ele é escravo de alguém? Eis aqui o que é belo e justo segundo a natureza, eu lhe digo com toda franqueza: para viver bem é necessário deixar livre crescimento às paixões, no lugar de as reprimir. Quando elas atingem toda a força, for capaz de dar a elas satisfação através da coragem e da inteligência, e satisfazer todos os desejos na medida em que eles aparecem.

Porém, eu suponho isto, não está ao alcance do vulgar. Daí o fato de eles recriminarem as pessoas que são capazes, porque eles têm vergonha deles mesmos e querem esconder a própria impotência. Eles dizem que a intemperança é uma coisa detestável, tentando por esse subterfúgio subjugar aqueles que são mais bem-dotados pela natureza, e como eles não podem fornecer às paixões deles de que as contentar, eles fazem elogio da temperança e da justiça por causa da covardia deles. Pois para aqueles que tiveram a chance de nascerem filhos de rei, ou que a natureza fez deles seres capazes de conquistar um poder, uma tirania, uma soberania, o que existiria de mais vergonhoso do a temperança? Vergonho sim, pois no lugar de gozar dos bens da vida sem que ninguém os impeçam, eles se submeteriam a si próprias leis providas da plebe. Eles não seriam mestre na própria. Polis? Eis aqui a verdade que você tenta esconder, Sócrates: o luxo, a liberdade, a incontinência quando eles são alimentados pela força constituem a virtude e a facilidade: o resto, estas belas ideias, essas convenções contrárias a natureza, elas nada são. ” (“O Górgias”, p. 47)

Vejamos em detalhe esse texto. Notemos primeiramente que ele opõe duas visões de felicidade, uma consiste na dominação do outro e na intemperança e a outra na dominação de si mesmo e na temperança. Para Cálicles, no entanto, só o tirano pode ser feliz e a denominação ela reina na natureza como na Polis, ela deve reinar tanto na natureza quanto na Polis. Ele se opunha frontalmente a Sócrates afirmando que a plebe está condenada a felicidade, devido a impossibilidade do satisfazer suas paixões. Assim sendo, o conceito de felicidade proposto por Sócrates, nada mais é que uma tentativa de camuflar a impossibilidade da plebe do satisfazer suas paixões. A tirania que se consegue através da natureza (pode-se nascer filho de um tirano) ou que se adquire é um dado da natureza. É natural que os mais fortes dominem. Nesse sentido a retórica tem duas funções: manter ou adquirir uma tirania.

Assim sendo, a justiça proposta pela dialética platônica que almeja o bem como alvo é injusta, pois ela vai contra a lei da natureza que constitui justamente a lei do mais forte. A moral seria uma tentativa dos fracos de limitar os fortes. Com efeito, na ordem natural cabe aos fortes dominar os fracos e a legislação deve se adequar a essa lei da natureza.

O texto acima citado percebe-se também o hedonismo subjacente ao pensamento de Cálicles, o prazer é alçado como princípio da vida.

4. DEFINIÇÃO DE RETÓRICA SEGUNDO GÓRGIAS

Com efeito, para Górgias, não existia separação entre retórica e poesia, seriam ambos dois conceitos dessemelhantes de discurso. O pensador referido se aproxima da definição através da arte do discurso, mas esta definição ainda é muito vaga, ele acrescenta sua definição dizendo que a retórica é diferente das outras artes, pois está se utiliza única e exclusivamente da palavra, diferente das outras artes que utilizam processos manuais.

Com o intuito de acrescentar sua definição, Górgias fala como a retórica incide sobre os tribunais e outras assembleias e que tem por objetivo o justo e injusto. Com isso pode se observar que a persuasão tem grande influência nos meios político e jurídico.

“XI — Górgias —(...) a retórica, por assim dizer, abrange o conjunto das artes, que ela mantém sob sua autoridade. Vou apresentar-te uma prova eloquente disso mesmo. Por várias vezes fui com meu irmão ou com outros médicos à casa de doentes que se recusavam a ingerir remédios ou a deixar-se amputar ou cauterizar; e, não conseguindo o médico persuadi-lo, eu o fazia com a ajuda exclusivamente da arte da retórica. Digo mais: se na cidade que quiseres um médico e um orador se apresentarem a uma assembleia do povo ou a qualquer outra reunião para argumentar sobre qual dos dois deverá ser escolhido como médico, não contaria o médico com nenhuma probabilidade para ser eleito, vindo a sê-lo, se assim o desejasse, o que soubesse falar bem. E se a competição se desse com representantes de qualquer outra profissão, conseguiria fazer eleger-se o orador de preferência a qualquer outro, pois não há assunto sobre que ele não possa discorrer com maior força de persuasão diante do público do que qualquer profissional. Tal é a natureza e a força da arte da retórica! Contudo, Sócrates, a retórica precisa ser usada como as demais artes de competição; essas artes não devem ser empregadas indiferentemente contra toda a gente; o pugilista, o pancratiasta ou o lutador armado, porque em sua arte contam com a prática e se tornaram nesse terreno superiores a amigos e inimigos, não deverão, só por isso, bater nos amigos, feri-los, nem os matar. Nem, por Zeus! No caso de haver alguém

frequentado o estádio e se tornado robusto e hábil boxador, e que depois venha a bater no pai ou na mãe, ou em qualquer parente ou amigo, não é por isso, dizia, que devemos perseguir os professores de ginástica e de esgrima, e expulsá-los da cidade. Pois estes transmitiram a outros seus conhecimentos para serem usados com justiça contra inimigos e ofensores, e apenas em defesa própria, não para atacar. Os alunos é que perverteram esses ensinamentos e empregaram mal a própria força e habilidade. Os professores não são ruins nem é má em si mesma a arte, ou responsável por tais abusos, mas, segundo penso, os que não a exercem devidamente. Idênticos argumentos valem para a arte da retórica. É fora de dúvida que o orador é capaz de falar contra todos a respeito de qualquer assunto, conseguindo, por isso mesmo, convencer as multidões melhor do que qualquer pessoa, e, para dizer tudo, no assunto que bem lhe parecer. Porém não será por isso que ele irá privar o médico de sua fama — o que lhe seria possível — nem qualquer outro profissional. Pelo contrário, deverá usar a retórica com justiça, como qualquer outro gênero de combate. Se um indivíduo que se tornou orador vier a fazer mau uso da força e da habilidade, não é seu professor, quero crer, que deverá ser perseguido e expulso da cidade. O professor transmitiu seus conhecimentos para serem bem aplicados; foi o aluno que fez mau uso deles. Esse, por conseguinte, que os aplicou mal, é que merece ser perseguido, expulso ou morto, não o professor.” (“O Górgias”, p.11-12).

Para Górgias o poder da retórica vem da força da palavra, algo que seria capaz de afetar o espírito e persuadir a mente. O poder da retórica era tão grande que ele poderia discursar sobre qualquer assunto perfeitamente. É justamente esse poder da retórica que Sócrates quer refutar.

5. REFUTAÇÃO DE SÓCRATES

Depois do naturalismo defendido pela retórica sofista, Sócrates levanta alguns elementos que refutam a tese de Cálicles: a) o primeiro deles é que o desejo é insaciável. Se a felicidade consistisse na realização dos desejos o homem seria um ser destinado a infelicidade. Nesse sentido a temperança, a dominação de si mesmo diante das paixões é mais apta a nos tornar felizes do que a intemperança; b) Prazer e bem não são uma única coisa, com efeito, existem prazeres bons e prazeres maus, nesse sentido cabe a razão distinguida. O tirano que satisfizer todos os seus desejos usando a retórica como instrumento seria necessariamente infeliz. Assim sendo pode haver uma oposição entre bem e prazer. Um exemplo corrobora essa tese: não se sente prazer em comer a não ser que nós tenhamos fome, caso contrário este ato nos causaria dor e não prazer. Ora a distinção entre prazer bom e prazer mal pressupõe o conhecimento, daí a condenação da retórica que não visa à verdade, mas somente a aquisição do poder.

Esta é a chave de leitura que permite a Platão de refutar a definição de retórica dada pelo personagem de Górgias.

Sócrates levanta primeiramente um problema de epistemologia que homens injustos sejam felizes não significa necessariamente uma prova de que a felicidade se atinge através do poder e da dominação. Em seguida, ele mostra que não espiar os seus erros é um grande erro, porque ele nos impede de progredir enquanto seres humanos.

“Sócrates — E que poderias ser assaltado agora mesmo pelos profissionais dessas coisas elogiadas pelo autor da cantilena, a saber, o médico, o pedótriba e o economista, e falasse em primeiro lugar o médico: Sócrates, Górgias te engana; não é sua arte que se ocupa com o melhor bem para os homens, porém a minha. E se eu lhe perguntasse: Quem és, para falares dessa maneira? Sem dúvida responderia que era médico. Queres dizer com isso que o produto de tua arte é o melhor dos bens? Como poderia, Sócrates, deixar de sê-lo, se trata da saúde? Haverá maior bem para os homens do que a saúde? E se, depois dele, por sua vez, falasse o pedótriba: Muito me admiraria, também, Sócrates, se Górgias pudesse mostrar algum bem da sua arte maior do que eu da minha. A esse, do meu lado, eu perguntara: Quem és, homem, e com que te ocupas? Sou professor de ginástica, me diria, e minha atividade insiste em deixar os homens com o corpo belo e robusto. Depois do pedótriba, falaria o economista, quero crer, num tom depreciativo para dois primeiros: Considera bem, Sócrates, se podes encontrar algum bem maior do que a riqueza, tanto na atividade de Górgias como na de quem quer que seja. Como! Decerto lhe perguntáramos: és fabricante de riqueza? Responderia que sim. Quem és, então? Sou economista. E achas que para os homens o maior bem seja a riqueza? Voltaríamos a falar-lhe. Como não! Me responderia. No entanto, lhe diríamos, o nosso Górgias sustenta que a arte dele produz um bem muito mais importante do que a tua. E fora de dúvida que, a seguir, ele me perguntaria: Que espécie de bem é esse? Górgias que o diga. Ora bem, Górgias; imagina que tanto ele como eu te formulamos essa pergunta, e responde-nos em que consiste o que dizes ser para os homens o maior bem de que sejas o autor.” (“O Górgias”, p. 7).

Nessa refutação vê-se que Sócrates tem em vista a noção de bem, a tal ponto que ele vai defender a ideia segundo qual é melhor sofrer a injustiça do que cometê-la. Percebe-se então uma tentativa platônica de transformação de valores numa Atenas em plena crise, onde predominava a retórica. O conceito de excelência *Arete* (excelência) que predominava até então enquanto dominação na Polis transforma-se em virtude moral. Nós estamos então diante de uma tentativa platônica de inversão dos valores que reinava na política da época. Sócrates dá um contraexemplo no *Górgias*: “um tirano bem-sucedido não é um homem feliz” (“*O Górgias*”, p. 33).

Pode-se concluir deste primeiro diálogo de Sócrates com Pólos que se existir um bom uso da retórica, ele não deve consistir em busca de poder.

A primeira questão de Sócrates é colocar em questão a demência de conceber a prática da injustiça como superior a sofrê-la. Demência, para o tirano. O tirano concebe a justiça como a lei do mais forte. No entanto, nós não somos seres autárquicos, isto é, seres independentes dos outros. A dependência dos outros é uma constituinte da nossa condição. Consequentemente, nós devemos compreender essa dependência e mesmo aceitá-la. Essa é a razão pela qual nós não podemos considerar melhor, cometer a justiça que sofrê-la.

O hedonismo, isto é, o prazer segundo Pólos e Cálicles, quando elevados como princípio de vida, não podem causar a felicidade. A questão então se torna o que significa ser feliz e qual é a função da política nessa busca pela felicidade. A réplica de Sócrates com relação à busca pela felicidade, tal qual ela é considerada pelos mais fortes, consiste em mostrar à Cálicles que ele atribuiu a essa noção um conceito ambíguo que está relacionado a força, o que exigirá da parte de alguns homens uma superioridade física. Na verdade, o que Cálicles chama de mais forte não pode ir a encontro dos mais numerosos. Com efeito, a força física pode ser aglomerada. Sendo assim, o mais forte pode ser simultaneamente mais forte?

Porém, a ideia mais forte que Sócrates tenta combater é a seguinte: o bem não pode ser identificado ao prazer. Isso significa um ataque frontal ao hedonismo. Nem tudo que nos dá prazer significa um bem. O ser humano pode ter prazer em coisas que destroem.

O desejo aparece, então, como algo insaciável, se nós não nos deixemos criar pela razão, pela reflexão. Com efeito, a distinção entre o prazer bom e o prazer mal pressupõe o conhecimento do bem. Isso significa que nós devemos escolher com a razão o gênero de vida que nós devemos conduzir. A temperança, o domínio sobre o uso das coisas materiais, é fundamental para a existência.

Um dos momentos mais prazerosos de uma pessoa pode coincidir com o desgaste e com o desprazer. Exemplo: O nascimento de uma criança que cria um desprazer financeiro. E, no entanto, são os momentos que a maioria das pessoas mantém como os momentos mais felizes. Sacrifício e dor não são opostos ao desprazer, porque a felicidade não rima como prazer.

Podemos, assim, concluir que para Sócrates, evidentemente para Platão, o bem não pode ser concebido como prazer e, portanto, é impossível fazer do hedonismo um princípio de vida, dado que a simples satisfação do prazer, independentemente da moral os autodestrói.

6. ANÁLISE DO MITO APOCALÍPTICO

Com efeito, Platão não repudia a mitologia, ao contrário, ele a utiliza para efeitos de explicação de algo que não pode ser explicado racionalmente. Mas, que se torna necessário para a existência. O diálogo se conclui com a narração do mito escatológico que descreve o destino das almas depois da morte. Sócrates o apresenta como uma história verdadeira, a fim de dar mais peso as suas convicções. O essencial do mito consiste em afirmar que na origem, os vivos eram julgados pelos vivos e, por essa razão dominava a injustiça pelo fato da riqueza, da nobreza, prestígio e até mesmo da beleza física. Por essa razão Zeus decidiu, segundo “*O Górgias*” de Platão, julgar as almas sem todo o aparato material que o acompanha.

“LXV — Sócrates — Dos dois males, portanto, cometer injustiça ou ser vítima de injustiça, afirmamos que cometer injustiça é maior do que ser vítima de injustiça. De que precisará, então, prover-se alguém para vir a auferir as duas vantagens: não cometer injustiça nem vir a ser vítima de injustiça? Necessitará de poder ou de vontade? Quero dizer o seguinte: para não sofrer injustiça, basta querer, para, de fato, não vir a sofrê-la, ou precisará do poder de não sofrer injustiça, para não vir a ser vítima dela? Cálicles — É claro: precisará dispor desse poder. Sócrates — E com relação a cometer injustiça? Bastará força de vontade a uma pessoa, para não cometer nenhuma, ou será preciso para isso adquirir algum poder e ou determinada arte, que, na hipótese de não ser adquirida nem exercitada, o levará àquela prática? Por que não respondes, Cálicles, a essa pergunta em especial? Não és de parecer que

eu e Pólos, em nossa conversação anterior, concluímos com acerto, quando dissemos que ninguém comete injustiça por vontade, e que todos os que praticam o mal procedem sem o querer?
Cálicles — Isso também poderá ser admitido, Sócrates, para que chegues a terminar a tua exposição.
Sócrates — Será preciso, portanto, ao que parece adquirir certa capacidade, ou determinada arte, para não vir a cometer injustiça.
Cálicles — Perfeitamente.
Sócrates — E que arte poderá ser, que precisamos conhecer, para preservar-nos de que sejamos vítima de injustiça, senão de todo, o mínimo possível? Vê se pensas como eu. O que penso é o seguinte: ou essa pessoa precisará governar a cidade, senão mesmo tornar-se tirano dela, ou ficar amigo do governo estabelecido. ” (“O Górgias”, p. 65 - 66)

A questão que Platão levanta sobre o mito apocalíptico do julgamento dos mortos, abre uma questão mais profunda de mais difícil acesso: Será que uma justiça humana é possível? Será que não estamos condenados a estabelecer julgamentos injustos? Com efeito, qual juiz humano ou qual réu no âmbito humano é despojado de tudo que ele possui para ser julgado ou para julgar? Nós carregamos uma carga cultural que faz como que quando nós julgamos outros, automaticamente projetamos sobre eles o que nós somos e o que possuímos. Isso faz com que nossa justiça seja condenada a injustiça.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises feitas do presente trabalho, conclui-se que um assunto discutido na antiguidade com tanta propriedade e conhecimento ainda se pode discutir com a mesma linha de pensamento nos dias atuais, atentando-se para como é o poder da retórica. Tomemos, como exemplo, a política mundial e o sistema jurídico em grande parte do mundo em que a oratória é a base de toda a fundamentação política e que embasa o âmbito jurídico no que se trata, por exemplo, dos julgamentos, onde defesa e acusação tentam através da persuasão convencer o juiz ou júri de que o réu é inocente ou culpado. No entanto, permanece a questão se apenas prevaleceu a justiça ou somente o poder de persuasão. Na política onde um bom orador se elege, sempre se baseando no poder da oratória, levantando assim e discutindo sobre Ética, que é colocada à prova, pois sempre quem resiste é quem tem o poder de oratória maior que o outro, a verdade nem sempre prevalece e sim o poder da persuasão, levantando assim dúvidas de se quem tem esse poder pode ser bom ou ruim.

A tirania também é pertinente em nosso tempo, pois existem até os dias atuais líderes tiranos e ao decorrer da história desde a discussão de Górgias de Platão, vários líderes tiranos e que compravam a tese. Além das teses de dominação, onde teoricamente o mais forte sobrevive ou teses sobre injustiça, se realmente a justiça prevalece e mostra um prazer que possui o tirano que se distingue do bem. Com isso, levanta-se a ideia do bem e do prazer, onde como exemplo já citado temos a discussão sobre prazer em comer, pois se comer quando não se tem fome gera um desprazer, pois só se sente prazer quando se está com fome, caso contrário isso causaria um desconforto.

É dada à retórica uma visão de poder e não da verdade. Assim sendo, como relatado anteriormente pode-se notar que a combinação destes elementos, a saber, retórica, poder, prazer podem gerar destruição como temos exemplos pela história, e isso vinculado a tirania, prazeres, bajulação e colocando em discussão a Ética e a justiça, como diz Cálicles: “A Ética deixa o homem desprotegido, sem condições de escapar de grandes perigos; sem condições de se defender a si mesmo e a outrem. A Ética deixa o homem à mercê dos outros, pronto para ser espoliado dos bens e das honras. ” Associando essas ideias conclui-se que a injustiça possui um poder ambíguo: o que pode ser justo para alguns é injusto para outros e a denominação do mais forte prevalece sob o mais fraco.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA. L. *Algumas considerações sobre o tema da retórica no Górgias de Platão*. Scripta clássica online. 2003. Disponível em:
https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.scriptaclassicaonlinebr.gr.eu.org/luciana.pdf&ved=0ahUKEwjLmc7E_fHUAhXBgpAKHU3AC9EQFggcMAA&usq=AFQjCNGB-QWZJNBsV8F29pgPtdc4GyLUTg > Acesso: 02 de junho de 2017.

CHANTUER. J., Platon, le désir et la Cité, Sirey, 1979.

Historia geral. Acidade de Atenas. Disponível em : <http://www.historiamais.com/atenas.htm>> acesso : 13 de junho de 2017.

MACIEL. Willyans. *Sophistas*. Infoescola. Disponível em:<https://www.google.com.br/amp/www.infoescola.com/filosofia/sofistas/amp/>>Acesso: 15 de junho de 2017.

PLATÃO. Górgias. Trad. W. R. M. Lamb. 13ª ed. Londres: Harvard University Press, 1991.

PLATÃO. Górgias. Disponível em:
https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://bocc.ubi.pt/~fidalgo/retorica/platao-gorgias.pdf&ved=0ahUKEwiG5ZDt_vHUAhXBE5AKHSs-Db8QFggcMAA&usg=AFQjCNEo-RijyLwRZ5uAEalsk1neFLRAMA > acesso: 20 de maio de 2017.

PLATÃO. A República. 6º Ed. Editora Atena, 1956.

PLATÃO. Protágoras. Trad. Eleazer Magalhães Teixeira. Fortaleza: edição UFC, 1986.

SOUZA.C. Platão: Górgias ou A Oratória. Disponível em:
https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/gc3b3rgias-ou-a-oratc3b3ria.pdf&ved=0ahUKEwj_d_PLtkPLUAhWGfZAKHTSwCkcQFghiMAk&usg=AFQjCNErTU_JLYE4hK5nrBTXmtZ1_MH_MQ> acesso em : 20 de maio de 2017.

ROMILLY.J, na época de Péricles

Tiranias dos trinta. Disponível em: <https://dicionario.sensagent.com/tiranias%20dos%20trinta/pt-pt/>> acesso :20 de junho de 2017.